

Paula Pimenta: o sucesso da literatura infantojuvenil

Francisco Ribeiro
Repórter

Às 8h da manhã do sábado (26), uma fila se formava na entrada do Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso. Os fãs, na maioria crianças e adolescentes, não disfarçavam a excitação para o início da palestra do seu "ídolo", prevista para as 14h.

Mais tarde, na fila em frente ao Auditório B, uma garota contou que cogitou acampar no local um dia antes, pois estava reciosa de não conseguir uma das 200 senhas que dariam acesso à tarde de autógrafos.

A protagonista de toda aquela agitação não canta ou atua e também não aparece no horário nobre da televisão. Mas, no entanto, atrai uma legião de fãs pelas bienais e eventos

literários dos quais participa. O nome dela é Paula Pimenta, escritora mineira da série de livros infantojuvenis "Fazendo Meu Filme". Estima-se que já tenha vendido mais de 300.000 exemplares (!). Um estrondoso sucesso editorial no país.

Minutos antes de iniciar a palestra, quem passasse pelo corredor ouvia um coro de vozes que clamava: "Paula, cadê você? Eu vim aqui só

para te ver". Quando a escritora finalmente entrou no auditório, às 15h, foi recebida por uma mescla de gritinhos agudos, emoção e muita euforia. Durante o bate-papo, que durou cerca de uma hora e meia, Paula falou sobre suas primeiras experiências no mundo editorial e seus projetos futuros.

Paula Pimenta, como todo mineiro, é bastante simpática.

Após a conversa com as leitoras, ela participou de uma sessão de autógrafos, que chegou ao fim somente às 18h30. Apesar do provável cansaço, a autora não negava os pedidos de seus leitores. Durante os 15 minutos que durou o nosso bate-papo, ficou evidente a razão do seu sucesso: além da óbvia qualidade técnica da sua obra, a forma atenciosa com que trata seus fãs. **Confira!**

Mundo encantado e 'tarefa de Hércules'

Lucas Almeida
Repórter

Com mochila nas costas e calçados com tênis do herói da moda, estudantes de todo o estado se revezam nas filas em busca de uma atração que lhes fosse interessante na VI Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

Manter as crianças sob a supervisão dos professores é uma "tarefa de Hércules". Os docentes, no entanto, tiram de letra a situação e, para isso, utilizam-se dos mais criativos artifícios.

Desde cordas que ajudam a manter as crianças em fila indiana até recados ditos à exaustão pelas "tias".

"Não desgruda da coleguinha", pede, humildemente, uma delas que recebeu a ingrata missão de supervisionar a garotada em meio a um turbilhão de atrações.

Entre as opções de lazer na bienal que mais atraem a atenção do público infantil, está a contação de histórias.

No estande da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, por exemplo, diariamente às 10h30 e às 15h30, a meninada se diverte com o talento dos atores da Cia do Chapéu, que, caracterizados, interpretam as histórias do selo de livros infantis Coco de Roda.

A coleção, cujas histórias são escolhidas através de edital, reúne narrativas escritas por alagoanos, cujo conteúdo aborde aspectos da cultura e a história de Alagoas.

GRUPOS

A reportagem acompanhou uma parte do trajeto

feito pelos estudantes da Escola Estadual Pedro Teixeira.

Um dos pontos de parada obrigatórios para a meninada é o "Expresso do Saber", um ônibus transformado em biblioteca. "Aqui entram pessoas entre 1 e 100 anos", explica, entusiasmada, Cristina Santos.

O ônibus-biblioteca é uma criação do Instituto Arnon de Melo e participou de todas as edições da bienal em Alagoas. Cerca de cinco mil crianças visitarão o local até o fim da feira, estimou Cristina.

Ao entrar no veículo, encontramos uma pequena biblioteca e uma brinquedoteca. Nas estantes, brinquedos de pano e um alfabeto em Braille dividem o espaço com livros e utensílios para pintura.

Depois de percorrer a bienal, é fácil descobrir por que tanta criança se espreme nas escadas a fim de chegar ao primeiro andar. E lá onde se concentra a maior variedade de atrações para a criançada.

Montada pela Secretaria Municipal de Educação, a Praça do Conhecimento é um dos espaços mais disputados pelas crianças. Dentro do estande, uma árvore com folhas transformadas em livros e várias oficinas atraem a atenção dos pequenos visitantes.

Próximo à Praça do Conhecimento, ocorre a exibição de curtas-metragens promovida pelo Sesc. As sessões fazem parte da mostra itinerante do festival Internacional de cinema Nueva Mirada para a infância e a juventude, que exhibe filmes de diversos países.



A escritora Paula Pimenta, à direita, uma das atrações mais aguardadas da Bienal pelo público adolescente

Você já ultrapassou a marca dos 300.000 exemplares vendidos dos seus livros dedicados ao público infantojuvenil. Como é ser um sucesso de vendas num país onde vender livros não é uma tarefa nada fácil?

É muito gratificante, especialmente porque o meu público é de leitores em formação. Então eu sei que meus livros estão incentivando. Tem muitos leitores que falam para mim que não gostavam de ler até ter contato com meus livros. Então, estar incentivando esse hábito pela leitura, esse gosto pela leitura, é muito gratificante. Não só por estar vendendo, mas por estar vendendo isso tudo para adolescentes. E isso é muito bom, por estar incentivando desde cedo o gosto pela literatura.

Como o hobby de escrever se tornou sua profissão?

Eu queria ser jornalista. Achava que se eu gostava de escrever, iria ser jornalista. Só que na faculdade eu percebi que não era bem assim. Eu queria mesmo era contar histórias, e não relatar fatos. Então, eu passei a levar como hobby a escrita. Até que deu certo. Não foi uma coisa assim "eu quero", eu fui escrevendo por prazer, por hobby. Ai eu conse-

gui publicar o meu primeiro livro [Fazendo Meu Filme 1 - A Estrela de Fani], mas na verdade eu não esperava atingir o público. Eu queria ter o meu livro publicado para as minhas amigas terem tal. Mas quando ele começou a pegar, foi uma surpresa muito boa. Mas foi sem ter essa intenção. Foi surpresa mesmo.

As bienais de todo o país dedicam um espaço generoso na sua programação para a literatura infantojuvenil. Para você, qual a importância de voltarem a atenção para esse público?

Eu acho que os adolescentes e as crianças têm que pegar o gosto pela leitura nessa fase. Porque não é depois de adulto que a pessoa vai resolver começar a ler. Eu tenho colegas da época da escola que falam que não leram mais nada desde o colégio. Só lia porque era obrigatório. Então eu acho isso interessante. Está aparecendo muita literatura voltada para esse público, para essa faixa etária. E é bom exatamente por causa disso. Vão crescer lendo. Então, se você começa ler desde cedo, você leva isso para a sua vida. Aqui respira literatura. É difícil não ter um livro, no meio de tantos, que a pessoa não compre e goste. A pessoa passeia, dá uma folheada nos

livros. Então, eu acho que tudo isso incentiva. E ver tanta gente envolvida nisso também atrai uma curiosidade.

E quanto à receptividade dos fãs alagoanos...

Eu fiquei muito feliz. Eu sabia que tinha um público grande por aqui pelas redes sociais. Elas me escrevem muito. E quando eu fazia lançamento em Recife, muitas meninas daqui iam para lá. Então já esperava um pouco, mas não tanto.

"Fazendo Meu Filme 1 - A Estrela de Fani" está em fase de produção para o cinema. O que você poderia revelar sobre o que está acontecendo nos bastidores (a escolha do elenco, direção, roteiro)?

Está acontecendo muito pouco ainda. Esse começo foi muito lento. Ano que vem é que as coisas vão andar. Acabou de ser escolhida a diretora. Eu não tenho o nome dela porque tem muito pouco que me falam. Ela é de São Paulo. O filme será realizado por uma produtora de Belo Horizonte em conjunto com uma de São Paulo. O elenco ainda será definido. Eu tenho uma atriz que eu gostaria que fosse a Fanny, mas ela já está um pouco mais velha, que é a Lara Rodrigues.